

Arthur Conan Doyle

UM ESTUDO EM VERMELHO

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges



ZAHAR

Copyright desta edição © 2013:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Carolina Sampaio, Eduardo Farias
Projeto gráfico: Carolina Falcão
Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial
Imagem da capa: © Duncan Walker/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784e Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930
Um estudo em vermelho/Arthur Conan Doyle; tradução
Maria Luiza X. de A. Borges. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar,
2013.

il. (Bolso de luxo)

Tradução de: A study in scarlet
ISBN 978-85-378-1087-3

1. Holmes, Sherlock (Personagem fictício) – Ficção. 2. Watson, John H. (Personagem fictício) – Ficção. 3. Detetives particulares – Inglaterra – Ficção. 4. Ficção policial inglesa. I. Borges, Maria Luiza X. de Almeida (Maria Luiza Xavier de Almeida), 1950-. II. Título. III. Série.

I. MR. SHERLOCK HOLMES

NO ANO DE 1878, após receber meu diploma de doutor em medicina da Universidade de Londres, fui para Netley fazer o curso prescrito para os oficiais médicos do Exército. Tendo concluído meus estudos ali, fui devidamente incorporado ao 5º Regimento de Fuzileiros de Northumberland como médico assistente. Na época o regimento achava-se estacionado na Índia e, antes que eu pudesse me juntar a ele, a Segunda Guerra Afegã foi deflagrada. Ao desembarcar em Bombaim, fui informado de que minha unidade avançara pelos desfiladeiros e já penetrara profundamente no país do inimigo. Segui em frente, contudo, com muitos oficiais que estavam na mesma situação que eu, e consegui chegar são e salvo a Kandahar, onde encontrei meu regimento e assumi imediatamente minhas novas funções.

A campanha rendeu honrarias e promoção a muitos, mas para mim resultou apenas em infortúnio e desgraça. Fui removido de minha brigada e incorporado aos Berkshires, com os quais servi na batalha fatal de Maiwand. Ali fui atingido no ombro por uma bala de jezail, que estilhaçou o osso e roçou a artéria subclávia. Teria caído nas mãos dos *ghazis** assassi-

* Designação honrosa para guerreiros muçulmanos veteranos, sobretudo os que lutaram com sucesso contra infieis. Os *ghazis* tinham fama de usar tortura e métodos penosos.

nos, não tivessem sido a devoção e a coragem demonstradas por Murray, meu ordenança, que me jogou de través sobre um cavalo de carga e conseguiu me levar em segurança até as linhas britânicas.

Esgotado pela dor e combalido pelas prolongadas privações por que passara, fui removido, com um grande comboio de feridos, para o hospital base em Peshawar. Ali me reanimei, e já me restabelecera a ponto de ser capaz de caminhar pelas enfermarias, e até de tomar um pouco de sol na varanda, quando fui atingido pela febre entérica, aquela maldição de nossas



“Eu teria caído nas mãos dos *ghazis* assassinos, não tivessem sido a devoção e a coragem demonstradas por Murray, meu ordenança.”

[Richard Gutschmidt, *Späte Rache*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

possessões indianas. Passei meses desenganado, e, quando finalmente voltei a mim e comecei a convalescer, estava tão fraco e emaciado que uma junta médica decidiu que não deveria esperar nem mais um dia para me mandar de volta para a Inglaterra. Fui despachado, assim, no navio de transporte de tropas *Orontes*, e desembarquei um mês depois no píer de Portsmouth, com a saúde irrecuperavelmente arruinada, mas com a permissão de um governo paternal para passar os nove meses seguintes tentando melhorá-la.

Não tendo amigos nem parentes na Inglaterra, eu estava portanto livre como a brisa — ou tão livre quanto pode ser um homem com uma renda de onze xelins e seis *pence* por dia. Nessas circunstâncias, senti-me naturalmente atraído por Londres, essa grande cloaca para a qual todos os vagabundos e ociosos do Império são irresistivelmente drenados. Ali me hospedei por algum tempo num hotel privado no Strand, levando uma vida sem conforto e sem sentido, e gastando todo o dinheiro que tinha muito mais liberalmente do que devia. O estado de minhas finanças tornou-se tão alarmante que logo compreendi que devia ou deixar a metrópole e ir morar em algum lugar na zona rural, ou fazer uma completa alteração em meu estilo de vida. Escolhendo esta última alternativa, comecei por deixar o hotel e me alojar num domicílio menos pretensioso e menos caro.

No mesmo dia em que chegara a essa conclusão, encontrava-me no Criterion Bar quando alguém me deu um tapinha no ombro, e, virando-me, reconheci o jovem Stamford, que havia sido meu assistente no Bart's. A visão de um rosto amigo na vastidão desnorteante de Londres é algo realmente agradável

para um homem solitário. Nos velhos tempos, Stamford nunca me fora muito chegado, mas mesmo assim saudei-o com entusiasmo, e ele, por sua vez, pareceu encantado ao me ver. Na exuberância de minha alegria, convidei-o para almoçar comigo no Holborn, e partimos juntos num *hansom*.

“Que andou fazendo consigo mesmo, Watson?” perguntou ele com indisfarçável espanto, quando sacolejávamos pelas ruas apinhadas de Londres. “Está magro como um caniço e tostado como uma castanha.”

Fiz-lhe um breve apanhado de minhas aventuras e mal o havia concluído quando chegamos ao nosso destino.

“Pobre coitado!” disse ele, cheio de comiseração, depois de ouvir meus infortúnios. “Que anda fazendo agora?”

“Estou à procura de moradia”, respondi. “Tentando resolver um problema: é possível conseguir aposentos confortáveis por um preço módico?”

“É estranho”, observou meu companheiro; “você é a segunda pessoa de quem ouço a mesma coisa hoje.”

“E quem foi a primeira?”

“Um sujeito que trabalha no laboratório químico no hospital. Ele se lamentava esta manhã por não conseguir encontrar alguém com quem dividir o aluguel de uns ótimos aposentos que encontrou e que são caros demais para seu bolso.”

“Por Deus!” exclamei. “Se ele de fato quer alguém para dividir os cômodos e as despesas, eu sou justamente o homem que procura. Eu prefiro ter um parceiro a morar sozinho.”

O jovem Stamford lançou-me um olhar bastante estranho por sobre seu copo de vinho. “Ainda não conhece Sherlock

Holmes”, disse; “talvez não goste de tê-lo como um companheiro constante.”

“Ora, que há contra ele?”

“Bem, eu não disse que havia alguma coisa contra ele. É um pouco extravagante em suas ideias – um entusiasta de alguns ramos da ciência. Até onde sei, é um sujeito bastante decente.”

“Estudante de medicina, suponho?” perguntei.

“Não... não tenho ideia de quais são seus interesses. Creio que é versado em anatomia e é um químico de primeira; mas, que eu saiba, nunca fez nenhum curso regular de medicina. Seus estudos são muito desconexos e excêntricos, mas acumulou um volume de conhecimentos insólitos que espantaria seus professores.”

“Nunca lhe perguntou qual era seu interesse?” perguntei.

“Não; não é fácil fazê-lo falar livremente, embora possa ser bastante comunicativo quando lhe dá na veneta.”

“Gostaria de conhecê-lo”, disse eu. “Se tiver de morar com alguém, preferiria um homem estudioso, de hábitos sossegados. Ainda não estou forte o suficiente para suportar muito barulho ou alvoroço. Tive bastante dos dois no Afeganistão, o suficiente para o resto de minha vida. Como eu poderia conhecer esse seu amigo?”

“Com certeza está no laboratório”, respondeu meu companheiro. “Ou ele evita o lugar por semanas a fio, ou trabalha lá de manhã à noite. Se quiser, podemos tomar um fiacre e passar lá depois do almoço.”

“Com muito prazer”, respondi, e a conversa derivou para outros canais.

Quando nos dirigíamos para o hospital, após deixar o Holborn, Stamford deu-me mais alguns pormenores sobre o cavalheiro com quem eu pretendia morar.

“Não me censure se não simpatizar com ele”, disse; “nada sei a seu respeito além do que deparei encontrando-o ocasionalmente no laboratório. Foi você que propôs esse arranjo, portanto não me considere responsável.”

“Se não nos dermos bem, será fácil nos separarmos”, respondi. “Tenho a impressão, Stamford”, acrescentei, encarando meu companheiro com firmeza, “de que você tem alguma razão para lavar suas mãos neste assunto. O temperamento desse sujeito é assim tão terrível, ou o quê? Vamos, desembuche.”

“Não é fácil exprimir o inexprimível”, respondeu ele, rindo. “Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto... chega quase a ser desalmado. Eu poderia imaginá-lo dando a um amigo uma pitadinha do mais recente alcaloide vegetal, não por maldade, veja bem, mas simplesmente movido por espírito investigativo, para ter uma ideia precisa dos efeitos. Para lhe fazer justiça, acho que ele mesmo o tomaria com igual prontidão. Parece ter paixão por conhecimento certo e exato.”

“Faz ele muito bem.”

“Sim, mas isso pode passar do ponto. Quando se chega a dar bengaladas nos cadáveres na sala de dissecação, a coisa está sem dúvida assumindo uma forma bastante esquisita.”

“Bengaladas em cadáveres!”

“Isso mesmo, para verificar até que ponto é possível produzir contusões após a morte. Vi com meus próprios olhos.”

“Mesmo assim diz que ele não estuda medicina?”

“Não. Deus sabe quais são os objetivos de seus estudos. Mas cá estamos, e você terá de formar sua própria impressão a respeito dele.” Enquanto ele falava, dobramos uma ruela estreita e passamos por uma portinha lateral que dava para uma ala do grande hospital. O terreno me era familiar e não precisei de guia quando subimos a fria escada de pedra e enveredamos pelo comprido corredor com sua perspectiva de paredes caídas e portas pardacentas. Perto da outra ponta, abria-se uma passagem baixa e arqueada que levava ao laboratório químico.

Este era uma câmara de pé-direito muito alto, forrada e apinhada de incontáveis frascos. Mesas largas e baixas espalhavam-se por toda parte, erçadas de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen, com suas trêmulas chamas azuis. Só havia na sala um estudante, debruçado sobre uma mesa distante e absorto em seu trabalho. Ao som de nossos passos ele deu uma olhada à sua volta e se levantou de um salto com uma exclamação de prazer. “Achei! Achei!” gritou para meu companheiro, correndo até nós com um tubo de ensaio na mão. “Encontrei um reagente que é precipitado por hemoglobina, e por mais nada.” Se tivesse descoberto uma mina de ouro, um deleite maior não poderia ter resplandecido em seu semblante.

“Dr. Watson, Mr. Sherlock Holmes”, disse Stamford, apresentando-nos.

“Como vai?” disse ele cordialmente, apertando minha mão com uma força que eu dificilmente lhe teria atribuído. “Pelo visto, esteve no Afeganistão.”

“Como diabos soube disso?” perguntei, estarrecido.



“Achei! Achei!” gritou.”

[Geo. Hutchinson, *A Study in Scarlet*, Londres, Ward, Lock Bowden, and Co., 1891]

“Não importa”, respondeu, com uma risadinha de si para consigo. “A questão agora é a hemoglobina. Percebe a importância desta minha descoberta, não é?”

“É interessante, quimicamente, sem dúvida”, respondi, “mas na prática...”

“Ora, homem! É a mais prática descoberta médico-legal feita em anos. Não vê que ela nos proporciona um teste infalível para manchas de sangue? Venha aqui agora!” Em seu entusiasmo, agarrou-me pela manga do paletó e me arrastou até a

mesa em que estivera trabalhando. “Arranjemos um pouco de sangue fresco”, disse, enfiando um comprido estilete no dedo e colhendo a gota de sangue resultante com uma pipeta química. “Agora eu acrescento esta pequena quantidade de sangue a um litro d’água. Como vê, a mistura resultante tem a aparência de água pura. A proporção de sangue não pode ser mais que um para um milhão. Não tenho dúvida, entretanto, de que serei capaz de obter a reação característica.” Enquanto falava, jogou num recipiente alguns cristais brancos e em seguida acrescentou algumas gotas de um fluido transparente. Num instante os conteúdos assumiram uma cor fosca de mogno e um pó amarronzado precipitou-se no fundo do frasco de vidro.

“Ahá!” exclamou ele, batendo palmas e parecendo tão encantado como uma criança com um brinquedo novo. “Que pensa disso?”

“Parece um teste muito sensível”, observei.

“Lindo! Lindo! O velho teste com guaiaco era muito grosseiro e duvidoso. O exame microscópico para corpúsculos de sangue também. Este último não tem nenhum valor se as manchas já tiverem algumas horas. Agora, isto aqui parece agir igualmente bem seja o sangue velho ou novo. Se este teste já tivesse sido inventado, centenas de homens que agora perambulam por aí já teriam pagado por seus crimes há muito tempo.”

“Realmente!” murmurei.

“A todo momento, casos criminais dependem desse único ponto. Um homem torna-se suspeito de um crime meses depois, talvez, que ele foi cometido. Suas roupas de baixo ou outras peças são examinadas, e descobrem-se manchas amar-

ronzadas nelas. São manchas de sangue, de lama, de ferrugem, de frutas ou o quê? Essa é uma pergunta que intrigou muitos especialistas, e por quê? Porque não havia um teste confiável. Agora temos o teste de Sherlock Holmes e não haverá mais nenhuma dificuldade.”

Seus olhos brilhavam enquanto falava e, levando a mão ao peito, fez uma reverência, como se sua imaginação tivesse feito surgir por encanto uma multidão que o aplaudia.

“O senhor está de parabéns”, observei, consideravelmente surpreso com seu entusiasmo.

“Houve o caso de Von Bischoff em Frankfurt ano passado. Certamente teria sido enforcado se o teste já existisse. Depois houve Mason de Brandford, o famigerado Muller, Lefevre de Montpellier e Samson de Nova Orleans. Eu poderia citar uma vintena de casos em que ele teria sido decisivo.”

“Você parece um calendário ambulante do crime”, disse Stamford com uma risada. “Poderia lançar um jornal nessa linha. Intitule-o ‘Noticiário Policial do Passado’.”

“Seria de fato uma leitura muito interessante”, comentou Sherlock Holmes, aplicando um pedacinho de emplastro sobre a picada em seu dedo. “Preciso ter cuidado”, continuou, virando-se para mim com um sorriso, “porque lido muito com venenos.” Mostrou a mão enquanto falava e notei que estava toda salpicada com pedaços similares de emplastro e descoberta por ácidos fortes.

“Vimos aqui a negócios”, disse Stamford, sentando-se num tamborete alto de três pernas e empurrando outro com o pé na minha direção. “Este meu amigo está à procura de moradia

e, como você se queixava de não conseguir encontrar alguém para dividir o aluguel, achei que o melhor era reuni-los.”

Sherlock Holmes pareceu encantado com a ideia de dividir suas acomodações comigo. “Estou de olho num apartamento em Baker Street”, disse, “que seria perfeito para nós. Espero que não se incomode com cheiro de tabaco forte.”

“Eu mesmo costumo fumar *ship’s*”, respondi.

“Isso é ótimo. Em geral tenho produtos químicos pela casa e vez por outra faço experimentos. Isso o incomodaria?”

“Em absoluto.”

“Vejamos... quais são meus outros defeitos? Às vezes fico deprimido, e passo dias a fio sem abrir a boca. Não deve pensar que estou amuado nessas ocasiões. Basta deixar-me em paz e logo volto ao normal. E o senhor, que tem para confessar? É melhor que dois sujeitos saibam o pior um do outro antes de começarem a morar juntos.”

Achei graça desse interrogatório. “Tenho um filhote de buldogue”, disse, “não suporto balbúrdia porque meus nervos estão abalados, acordo nas horas mais escandalosas e sou extremamente preguiçoso. Tenho outros vícios quando estou bem, mas estes são os principais no momento.”

“Inclui o som de violino na categoria de balbúrdia?” perguntou ele, aflito.

“Depende do executante”, respondi. “Um violino bem tocado é um deleite dos deuses... mas um mal tocado...”

“Ah, muito bem”, exclamou ele com uma risada satisfeita. “Acho que podemos considerar o assunto resolvido — isto é, se os quartos forem do seu agrado.”

“Quando iremos vê-los?”

“Encontre-me aqui amanhã ao meio-dia; iremos juntos e acertaremos tudo.”

“Certo... ao meio-dia em ponto”, disse eu, apertando-lhe a mão.

Nós o deixamos trabalhando em meio aos seus produtos químicos, e caminhamos juntos para o meu hotel.

“A propósito”, perguntei de repente, parando e me virando para Stamford, “como diabos ele soube que venho do Afeganistão?”

Meu companheiro abriu um sorriso enigmático. “Essa é justamente sua pequena peculiaridade”, disse. “Muita gente gostaria de saber como ele descobre as coisas.”

“Ah! Então é um mistério?” exclamei, esfregando as mãos. “Isto é muito estimulante. Sou-lhe muito grato por nos aproximar. ‘O estudo próprio para a humanidade é o homem’, você sabe.”

“Nesse caso, trate de estudá-lo”, disse Stamford, despedindo-se. “Mas vai achá-lo um problema espinhoso. Aposto que ele descobrirá mais coisas sobre você do que você sobre ele. Até logo.”

“Até logo”, respondi, e fui andando devagar para o meu hotel, consideravelmente interessado em meu novo conhecido.